

Gabriela Scotti  
UCAM

Em *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda descreve a formação histórica do país como centrada no poder da grande família proprietária de terras e escravos, o que teria moldado as representações e práticas sociais que passam pela esfera do íntimo e do privado. O “personalismo”, enquanto forma específica de interação social, organizou a sociedade brasileira e foi transportado e adequado à esfera estatal. Por outro lado, as relações impessoais sobre as quais deveria, idealmente, se estruturar o Estado Moderno são definidas em termos desse padrão pessoal e afetivo.

O livro *Festas da política*, de Christine de Alencar Chaves, apresenta de forma exemplar como o predomínio do vínculo pessoal como forma de arregimentação política constitui, ainda hoje, a “experiência política básica” em Buritis, um pequeno município no interior mineiro, fronteira de Goiás com a Bahia. O diálogo com Sérgio Buarque permite à autora, como ela mesma salienta, estender uma ponte entre o local e o nacional, a experiência e a teoria. Ao meu ver, essa feliz escolha abre as portas ao desafio, ambicioso por certo, de se pensar não apenas Buritis como uma “pequena porção do Brasil” mas, e fundamentalmente, pensar o Brasil *através* de Buritis.

A hipótese que nos é apresentada logo no começo do livro, e que percorre a obra toda, é a de que o “político profissional” (categoria que não é definida muito claramente no trabalho, mas que se referencia em oposição aos “antigos caciques políticos”) assumiu, em relação ao eleitor, o papel antes desempenhado por aquele proprietário rural, utilizando-se para tanto de recursos estatais. Assim sendo, o vínculo não está fundado apenas numa troca utilitária de *favor* por

*voto*, mas no restabelecimento do elo moral que era antes o centro valorativo do intercâmbio com o fazendeiro. Do ponto de vista dos sujeitos, o personalismo se apresenta como vínculo fundado na mutualidade – expressa na noção de “compromisso” – ancorada em um código de prestações mútuas. As relações políticas configuram-se como relações entre *pessoas*.

O objetivo de *Festas da política* consiste em abordar etnograficamente o sistema de relações políticas personalistas em operação e reconhecer os valores que o suportam. Através da análise interpretativa das categorias políticas locais, principalmente da dimensão moral da categoria nativa de *pessoa* – centro valorativo da política em Buritis – a autora apresenta ao leitor um prisma de categorias (as quais carregam valores por vezes conflitantes entre si) que se entrelaçam e outorgam seus sentidos à política tal como percebida e praticada em Buritis. Categorias como *compromisso*, *promessa*, *amizade*, *bom político*, dentre outras, configuram um campo significativo (no qual a afetividade e as motivações políticas pessoais são perfeitamente legítimas) oposto à concepção de “política moderna”, que supõe a idéia do indivíduo enquanto categoria genérica (o *cidadão*) agindo livre e racionalmente num universo de regras orientadas pelo princípio do ideal igualitário (a *democracia*).

A teoria política de tradição liberal concebe a democracia e o sistema de designação de representantes como um universo integrado pela somatória de indivíduos “livres e racionais” dos quais se espera que orientem suas escolhas de representantes com base em princípios programáticos e no conteúdo das propostas apresentadas. Tudo o que não couber na definição ideal da mesma é tratado em termos de “desvio”, e jogado fora do espaço reservado à *boa política*. Há momentos no livro (porém não muitos) em que pareceria ser esse o caminho que a argumentação iria seguir. Contudo, ao restituir os sentidos nativos às categorias políticas e entendê-las como representações socialmente relevantes e que tematizam o discurso político local, Chaves evita uma visão normativa da política e uma das conseqüências analíticas desta visão, que consistiria na construção de dicotomias que obscurecem a compreensão de realidades sociais constituídas, a grande maioria das vezes, pela superposição de aspectos, práticas e representações.

Aqui, Christine Chaves utiliza a mesma estratégia analítica que encontramos em outro livro seu, publicado no ano de 2000 – *A marcha nacional dos sem-terra. Um estudo sobre a fabricação do social* –, no qual escolhe uma *marcha* como um *locus* privilegiado de investigação do Movimento dos Sem-terra enquanto ator da política e do contexto sócio-cultural que o baliza. Em *Festas da política*, a análise etnográfica de eventos como a “Festa de aniversário de Buritis” serve como porta de entrada para o estudo do universo personalista da política local, já que ela exprime de forma exemplar as relações entre os políticos e os eleitores. As festas são

abordadas e interpretadas como instâncias condensadas de representação e dinamização da experiência social. Concebida nos termos da teoria dos rituais (tal como formulada por Tambiah), sua análise possibilita “combinar a ambição de identificar singularidades significativas e formas sociais universais” (p.66).

O segundo capítulo (“Festas, o fato etnográfico como drama”), o ‘mais etnográfico’ dos três capítulos que compõem a obra, inicia-se com o que julgo sintetizar o espírito do trabalho todo:

Logo ao primeiro dia de trabalho de campo, porém, defrontei-me com a inesperada, e posteriormente reincidente afirmativa de que a política em Buritis faz-se com festas. Em lugar de eleições defrontei-me, portanto, com festas; em lugar de partidos, encontrei pessoas. Conferindo validade à proposição nativa, foi preciso reeducar-me. Para compreender o sentido nativo da política, para compreender o sentido político das festas, foi preciso a elas ir (p.83).

Para a autora, as festas são políticas porque nelas os políticos conquistam o voto. Se a constatação ficasse por aí, não haveria muita novidade. Mas o livro se propõe a explicar *como* e *por quê*. Para Chaves, um dos segredos da eficácia política consiste na especificidade do espaço que engendra, no qual políticos e eleitores convivem. Espaço social com atributos próprios, cuja principal motivação é o “encontro e a convivência num âmbito despido das atribuições pragmáticas da vida cotidiana”, criando um domínio marcado pelo desinteresse e a gratuidade. Assim, a festa restaura o valor de *pessoa* e dilui a dualidade político/eleitor numa relação social mais ampla.

Ao escolher este percurso, Chaves avança na reflexão sobre as articulações entre o momento eleitoral, o campo político e os processos sócio-culturais mais amplos, permitindo que nos questionemos acerca do grau de “autonomia” destas relações, das dinâmicas e das representações que articulam e estruturam o campo político. Ao mesmo tempo, joga luz na compreensão dos espaços sociais onde são gerados os conteúdos da política.

Assim, a leitura deste livro abre caminhos para o estudo da política que não pressuponham margens divisórias que não existem e, por meio da análise etnográfica das festas em Buritis, evidencia que não há fronteiras bem definidas e rígidas entre as esferas sociais. Ao adotar este enfoque, o trabalho se insere na perspectiva de uma antropologia *da* política preocupada em analisar as zonas de interseção entre o que socialmente é percebido como relativo à ‘política’ e o que, como no caso das festas, é tradicionalmente colocado fora desse domínio. As festas em Buritis são abordadas enquanto eventos sociais reveladores dessas

interseções e de suas conseqüências, tanto no sentido da unificação e aproximação entre o que fica dentro de um domínio, quanto no sentido das diferenciações dentro do próprio domínio e deste em relação aos demais.

Em termos da construção do texto, observamos que ao mesmo tempo que a frase “*política em Buritis se faz é como festa*” foi o mote norteador da pesquisa, ela também funciona como fio condutor e articulador das várias – e por vezes simultâneas – discussões presentes ao longo do livro. O texto é construído de forma não linear e, quando julgamos haver chegado à idéia central, somos surpreendidos com uma nova volta de parafuso e... uma nova dimensão da política em Buritis nos é mostrada. Acredito ser esta uma valiosa forma de se analisar a política “em contexto”, pois que não procura acalmar a ansiedade do leitor com definições rígidas, nem com o estabelecimento de fronteiras precisas quando elas não existem.

Para concluir, penso haver alguma coisa em Buritis – ou na forma de Christine Alencar nos apresentar o local – que nos remete a Macondo de *Cem anos de solidão*, terra mágica, onde as oposições e o tempo se fundem e se confundem. Talvez seja a presença do sertão. Para Chaves, as festas políticas de Buritis inscrevem-se no mesmo universo semântico da categoria sertão, “elas são o sertão ressurgente” (p.141). A ambivalência, nos diz a autora no último capítulo, da qual o sertão enquanto representação e paisagem mental é portador, constata que seus limites ultrapassam a geografia.